



Revista Pai Inácio de Literatura e Arte



Universidade Estadual de Feira de Santana
Campus Avançado da Chapada Diamantina

Conto

SCCP

©CARLOS ROBERTO SANTOS

Nenhuma mãe espera um dia saber que o filho comete diariamente esse tipo de delito senhora Prado. – disse o policial – E muito menos vê-lo nessa prática, como a senhora está vendo . . . e ouvindo.

A sala do policial era bastante enxuta, no sentido de que havia apenas uma mesa funcional e o computador. E a tela embutida na parede, porque era de praxe para confirmação visual nos casos de suspeita de atividade sexual ilegal por invasão autorizada do computador pessoal. Só não era de praxe que a mãe estivesse junto para testemunhar o fato, e isso foi ela quem insistiu. E agora ela chorava, desconsolada, depois de acompanhar o desenrolar do flagrante ao vivo e online, como exigia a lei e determinava o protocolo. E a lei também determinava a presença, naquele momento, de um agente do Estado, especificamente da Agência de Identificação e Controle de Desvios Comportamentais, ali representado por uma distinta senhora, que simplesmente redigia seu relatório, alheia ao pano de fundo emocional da cena.

Da tela ainda vinham os últimos gemidos abafados e contidos de gozo satisfeito. O próprio delito, conforme a lei, só seria configurado se, e somente se, houvesse o gozo, porque até o ultimo momento havia a chance de arrependimento. Se isso acontecesse, o instante do arrependimento seria arquivado para corroborar a absolvição automática da pena. O SCCP trazia como premissa básica a compaixão por aqueles que se arrependiam.

O acesso a material pornográfico via internet havia sido praticamente erradicado, com o uso de tecnologia que bloqueava os sinais, mesmo aqueles emitidos das profundezas obscuras do cyberspaço. Além disso, o exemplar tratamento de adequação aplicado aos que burlavam o sistema também contribuiu para que os acessos quase acabassem. Mas, ainda assim, alguns conseguiam burlá-lo com programas anti-controle cada vez mais arrojados, ficando patente a fixação sexual, o que corroborava ainda mais o discurso do SCCP. Então o Estado passou a infiltrar programas próprios, vendendo-os como programas anti-controle, e assim que era acionado pelo usuário, ao invés de proteger - sua principal função – ele na verdade acionava o espião eletrônico que acessava a câmera do aparelho e gravava o delito – ou o arrependimento, ainda a tempo, do vigiado.

Ela era mãe e havia nascido na segunda geração após a implementação nacional do SCCP – Sistema Conservador de Cristianização do Povo. Sim, conservador, por que havia outros cristãos que entendiam Cristo como um liberal que permitia escolhas individuais fora de suas Máximas, que era como os conservadores chamavam a sua própria interpretação desses ensinamentos. Duas gerações depois e as mães já funcionavam a pleno vapor, contribuindo para que o Estado fosse direcionador e executor de suas vontades e expectativas como mãe, ou seja, o surgimento de um mundo mais seguro e confiável para seus filhos. Através de um processo que passava por um intrincado labirinto de manipulações de conceitos e lógicas, criou-se a necessidade de um estado permanente de Segurança, Conforto, Estabilidade e Confiança, para a formação de um mundo melhor – as Quatro Afirmações do SCCP. Para isso, as pessoas deveriam ser sensibilizadas e estimuladas a se tornarem plenamente conscientes do fato de que a experiência de vivenciar esses quatro objetivos básicos da vida só seria possível através dos conceitos morais do cristianismo, ou pelo menos como esses eram entendidos pela visão conservadora. “Uma vida reta, uma vida plena” – era o que estava escrito nas Prerrogativas do SCCP.



Na verdade, no início do SCCP as Quatro Afirmações já estavam bem enraizadas no inconsciente coletivo da sociedade. E era exatamente a sua falta que as fazia objeto de enormes sacrifícios para conquistá-las, e na rotina alucinante e socialmente complexa do início do século 21 poucos pensavam realmente sobre o alto preço que deveria ser pago por aquele que quisesse ser o feliz contemplado ao final dessa busca incessante. Isso tudo, aliado a um consumismo devastador, já colocavam as pessoas de joelhos diante da necessidade das Quatro Afirmações. E, segundo o intrincado esquema de conseqüências coletivas para atitudes individuais da doutrina do SCCP, a falta de controle do desejo sexual era uma das causas que proporcionavam a degradação de uma sociedade em longo prazo. Ainda segundo a doutrina, os impulsos sexuais eram os que mais propiciavam comportamentos desagregadores, viciantes e com complexos desdobramentos negativos em todas as esferas da sociedade. Por isso, uma atuação coibitiva por parte do Estado, principalmente durante a puberdade, era algo que estava previsto no SCCP e sobrepunha-se mesmo ao poder parental. Uma cruzada contra o domínio das vontades da carne.

Agora, findados os procedimentos de registro do delito do adolescente, entrava automaticamente em ação o processo de abordagem e envio do infrator para o tratamento e adequação. A mãe sabia que não podia fazer nada, e acabava por intimamente concordar com o Estado, para se convencer de que era o melhor para ele e diminuir sua própria dor e impotência.

Em poucas horas o garoto receberia, em sua casa, uma comissão policiada que leria o crime do qual ele estava sendo acusado, informaria que as provas já estavam em poder do Estado e o escoltaria até uma Casa de Adequação, onde ele seria induzido, pelos próximos meses, a sentir medo e vergonha de seu corpo, de seus desejos e pensamentos secretos. Sairia dali totalmente controlado, psiquicamente castrado de um comportamento inadequado que ameaçava a sociedade em sua busca por um mundo melhor.

* * *

Agora, aos 50 anos, sentado na poltrona de sua casa, ele já conseguia olhar para trás e perceber porque tudo aquilo havia sido necessário. O mundo equilibrado, confortável, seguro e confiável em que ele agora vivia – em que todos viviam – era a perfeita realização da promessa feita a todos quando ele ainda era garoto. Havia dado certo. Os prazeres do agora, potenciais descaminhos para o futuro, haviam sido controlados, ou eliminados. O resultado era uma vida previsível para todos, e isso era mesmo desejado e festejado pela maioria, imersos desde a infância no encantamento do enredo fantasioso e hipnótico das Quatro Afirmações. Os prazeres sexuais haviam sido postos em seu devido lugar, e sua energia direcionada para outras atividades construtivas; agora não mais ameaçavam aquele estado perfeito das coisas. Tudo era comedido: os gestos, os apetites, as vontades, os desejos. Empunhava-se a paixão apenas para os assuntos relacionados ao divino, à iluminação do espírito pelas Máximas, à obediência ao SCCP.

Ele olhava indiferente para a sua mão esquerda, onde havia um espaço deixado pelos três dedos que ele mesmo havia cortado durante um surto pelo qual passara no período em que estivera internado, na adolescência. “Se as mãos o fazem pecar, então as corte” – era o que ele se lembrava de ter lido. Mas nem sempre o pensamento induzido resulta no comportamento desejado, e ele extrapolara o sentido do ensinamento. Agora, ele olhava para trás e não sentia qualquer eco daqueles dias, apenas o sopro de vida serena que sentira ao reassumir seu lugar no mundo. Fora aceito de volta, apesar de seus deslizes, e sempre seria grato por isso.

Então seu filho entrou em casa, e ele o olhou cheio de amor. Era um garoto sensacional, cheio de vida e vontade de conhecer as coisas. Seus pensamentos eram inquietos e havia nele a alma de um observador do mundo. Havia também nele a energia – que ele bem conhecia – que podia tirá-lo de seu melhor caminho, e transformá-lo em um pária naquela sociedade, sempre a o receber de braços abertos. Já havia percebido que o filho buscava constantemente pelo prazer auto-estimulado, e havia mesmo encontrado uma página rasgada de pornografia impressa escondida entre suas coisas – que era rara e perigosa, por ser considerada mais orgânica e sedutora do que a tela digital.

Mas ele não deixaria a sua história se repetir com seu filho. No dia seguinte conversaria com o agente do Estado. Uma vida reta, uma vida plena.